

VARIAÇÕES, MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: A IDENTIFICAÇÃO DO EDITORIAL EM SINCRONIAS PASSADAS

VARIATIONS, CHANGES AND PERMANENCES: THE IDENTIFICATION OF THE EDITORIAL IN PAST SINCRONY

Valéria Severina Gomes

Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO

Assim como os demais gêneros no contínuo entre a oralidade e a escrita (OSTERREICHER, 1997), os editoriais também passam por mutações ao longo do tempo. Este gênero, por exemplo, não tinha uma nomeação definida (GOMES, 2010). Essa é uma das questões discutidas neste artigo, entre outras reflexões referentes à movência da língua e dos textos. Dada a correlação entre a historicidade da língua e dos textos nesse tipo de abordagem, reconhecendo-se evidentemente as especificidades de cada uma, parte-se do entendimento de Kabatek (2006, p. 512) de que Tradição Discursiva (TD) é “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio”, considerando as variações, mudanças e permanências dos editoriais do século XIX a XX, os quais se originaram das raízes históricas das práticas da escrita e leitura dos pasquins e panfletos que se desenvolvem do verso ao jornal impresso. Para isso, parte-se das dimensões de análise postuladas Jucker (2000): os traços externos do gênero (quando e onde foi publicado); os traços sociais (o tipo de linguagem usada e quem escreveu); os traços linguísticos (as formas linguísticas usadas); e a macroestrutura (organização das partes para a construção do sentido do texto). O objetivo é, com base nessas dimensões de análise, identificar as variações na composição do editorial e suas múltiplas denominações. Para este trabalho, o estudo concentra-se em editoriais pernambucanos, mas terá continuidade, com a inclusão de editoriais do Ceará, da Bahia e do Rio de Janeiro, em um artigo que será publicado em uma obra de referência do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Os estudos revelam que a denominação do gênero também ilustra a dinâmica de variações, mudanças e permanências que configuram a historicidade da língua e dos textos.

Palavras-Chave: editorial jornalístico; tradição discursiva; variação e mudança.

ABSTRACT

As well as the other genres in the continuity of the spoken and written language (OSTERREICHER, 1997), editorials change over time. This genre, for instance, had not been given a name (GOMES, 2010). This is one of the issues discussed in this paper, among other thoughts related to the change in language and texts. Due to the correlation between the historicity of the language and the texts in this kind of approach, taking into consideration the characteristics of each one, which according to Kabatek (2006, p. 512) states that The Discursive Tradition (DT) is “the repetition of a text or a textual genre or a peculiar way of writing and speaking, which characterizes it”, considering the variations, changes and permanence of editorials from the XIX to the XX centuries, which stem from the historical roots of the writing and reading practices of lampoons and pamphlets that developed from verse to printed papers. Based on the dimensions of the analysis of Jucker (2000): the external traces of the genre (when and where it was published); the social traces (the type of language used and who wrote it); the linguistic traces (the linguistic forms used); and the micro-structure (the organization of the parts involved to give a meaning to the text). The aim of this paper, which is based on the analysis dimension, is to identify the variations in the composition of the editorial and its multiple denominations. In this paper, our study is focused on the editorials of Pernambuco, but it will continue and it will include editorials from Ceará, Bahia, Rio de Janeiro in an article which will be published in an important project of Projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB). These studies reveal that the denomination of the genre also illustrates the dynamic of variations, changes and permanence, which characterize the historicity of the language and of the texts.

Keywords: Journalistic editorial; discursive tradition; variation and change.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em uma discussão que será ampliada para a elaboração posterior de um capítulo que integrará uma obra de referência do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), coordenado pelo professor Ataliba T. de Castilho, que será publicada em 2015. O capítulo da obra de referência será redigido juntamente com a professora Áurea Zavam (UFC) e incluirá editoriais de Pernambuco, do Ceará, da Bahia e do Rio de Janeiro, disponíveis no banco de dados do PHPB. O banco de dados pode ser acessado pelo endereço <https://sites.google.com/site/corporaphpb>. O volume IV dessa coletânea destina-se à diacronia dos gêneros discursivos

e dos processos constitutivos do texto. O tomo I desse volume, editado por Maria Lúcia da C. Victório de O. Andrade (USP) e Valéria Severina Gomes (UFRPE), conta com a participação de diversos pesquisadores, de diferentes instituições e com a abordagem de vários gêneros: Alessandra Castilho Costa – testamento; Ana Aldrige e Roseane Nicolau – anúncios; Áurea Zavam e Valéria Gomes – editorial; Alessandra Castilho Costa, Cleber Ataíde e Tarcísia Travassos – notícia; Maria Cristina Assis – cartas oficiais; Konstanze Jungbluth – livros de família pernambucanos; Lucrécio Araújo, Belliza Mello e Lindaurte Rodrigues – cordel e bendito; Marlos Pessoa – interrogatório; Nukácia Araújo – bando; Paulo Gonçalves – padrões de construção discursiva dos editoriais; Kelly Oliveira - anúncio de emprego; Fábio Lima – noticiário sobre eleição; Rafaela Ribeiro – carta do editor; e Rose Mary Fraga – carta do leitor.

A abordagem diacrônica desses textos tem revelado fronteiras muito tênues que distinguem um gênero de outro e variações dentro de uma mesma família de gêneros. Em uma das discussões desse grupo de trabalho, surgiu, então, a seguinte questão: quais critérios nos permitem identificar um texto dentro de uma identidade diacrônica (se é subgênero, gênero, classe de gênero, tipo de texto etc)? Essa questão motivou a apresentação da comunicação intitulada “Editorial: uma tradição discursiva e suas variações, mudanças, permanências e múltiplas denominações”, apresentada na mesa-redonda “Tradição Discursiva”, na XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, e a elaboração deste artigo.

No processo de montagem do *corpus* mínimo para o PHPB (correspondente ao banco de dados), com representação de diferentes regiões do país, várias equipes estão envolvidas na coleta e na edição dos seguintes textos: carta pessoal e carta oficial (manuscritos); e anúncios, carta do leitor e editorial/carta do editor (impressos). Certamente essas equipes, com seus antigos e novos integrantes, estão se deparando, em algum momento, com a seguinte questão: como identificar os textos de sincronias passadas nos arquivos ou nos suportes jornalísticos? Como identificar as variantes desses textos? Há casos que ilustram bem a dificuldade de estabelecer critérios de identificação, considerando desde a nomeação até os elementos constitutivos do texto, e que, conseqüentemente, constata o processo de variação e de mudança dos gêneros ao longo do tempo, de acordo com

a dinâmica social. A carta oficial/administrativa, por exemplo, pode ter a configuração de um ofício, de um requerimento etc, correspondendo, desse modo, a tradições diferentes, com atos de fala específicos. Nesse caso, vamos considerar a carta oficial um gênero com essa denominação ou uma classe de gênero? Hildenize Laurindo, em sua tese de doutorado, em fase de conclusão na Universidade Federal do Ceará, verificou que dentro da seção *Annuncio* há finalidades concorrentes, como fazer saber e fazer apreciar um produto. Em nossas pesquisas, verificamos que os editoriais apresentam um conjunto de variações que vão desde o rótulo, passando pelos elementos constitutivos e pela forma e sua macroestrutura, mas mantêm traços que os identificam como um gênero de mesma natureza dentro do suporte jornal.

Na etapa de montagem do *corpus* para o PHPB, cujo propósito é a reunião e a disponibilização dos documentos para as pesquisas das diversas equipes, esse nível de detalhamento não é possível, mas na medida em que os pesquisadores vão trabalhando com cada gênero específico podem apresentar os critérios que utilizaram para a identificação e agrupamento dos textos e apontar os traços de variação e de mudança identificados. Neste trabalho, a carta oficial não será abordada, pois ainda não nos debruçamos sobre esses documentos, mas outros colegas do nosso grupo de trabalho, ou de outros grupos, podem aceitar o desafio que nos foi lançado e tratar mais amiúde desse e de outros textos. Neste momento vamos tratar apenas do editorial, pois tem sido nosso objeto de estudo durante algum tempo e sempre revelando um dado a mais sobre a história do texto e da língua que o materializa.

Dentro desse conjunto de questões, pretendemos discutir, pautados em editoriais pernambucanos do século XIX ao XX, alguns aspectos que revelem o movimento de permanência, mudança e variação por meio da identificação de algumas variantes da tradição editorialística. O objetivo é, com base nos traços externos do gênero; nos traços sociais; nos traços linguísticos; e na macroestrutura (JUCKER, 2000), mapear algumas variantes do editorial, suas múltiplas denominações e propor uma matriz para a identificação das variantes desse gênero. Para isso, organizamos o artigo em dois tópicos: o primeiro com um enfoque teórico-metodológico e o segundo com um enfoque analítico. Esperamos contribuir, a partir da análise de editoriais pernambucanos, com outros estudos que busquem

identificar tradições que podem ser comparadas em termos de sua identificação como subgênero, gênero, classe de gênero, tipo de texto etc. Essa identificação passa pelo processo de classificação aberta dos textos, pois, na medida em que os gêneros, nos diferentes contextos socioculturais, continuam em movimento, podem sempre ocorrer alterações e ampliações da sua classe de texto. É o que exemplificaremos com o editorial.

1. Perspectivização teórico-metodológica

A linguística brasileira tem presenciado o renascimento forte dos estudos históricos, com mudanças que são significativas para a compreensão do processo de formação do português brasileiro, contando com a contribuição de pesquisas com diferentes pontos de vista. Assistimos atualmente ao diálogo profícuo entre abordagens diacrônicas que vão dos estudos fonológicos aos estudos da textualidade; presenciamos também a aproximação entre os estudos filológicos e linguísticos; e fazemos hoje uma linguística histórica que integra os fatores internos do sistema aos fatores externos sociais, políticos, tecnológicos e culturais.

Neste artigo, por exemplo, com ênfase na historicidade do texto, discutimos as variações na composição do editorial e suas múltiplas denominações, conjugando conceitos de perspectivas teóricas que, para o nosso propósito, fundamentam as reflexões feitas: a filologia românica alemã, com o conceito de Tradição Discursiva (TD) (KOCH, 1997; ASCHENBERG, 2002; KABATEK, 2006); a escola de gêneros na linha da nova retórica de base pragmática, com as noções de *conjunto de gêneros e sistema de gêneros* (BAZERMAN, 2005); a linguística de texto histórica, com as dimensões de análise postuladas Jucker (2000): os traços externos do gênero (quando e onde foi publicado); os traços sociais (o tipo de linguagem usada e quem escreveu); os traços linguísticos (as formas linguísticas usadas); e a macroestrutura (organização das partes para a construção do sentido do texto).

Dentro dessa nova dinâmica dos estudos, Matos e Silva (2008, p. 146) comenta que “sem dúvida, a mais recente orientação nos estudos histórico-diacrônicos é a das *tradições discursivas* (TD)”. Ao considerar que TD consiste em “qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais)

que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados”, Kabatek (2006, p. 157) evidencia diferentes níveis de ocorrência de TD culturalmente reconhecida, do nível lingüístico ao textual. Na perspectiva dialógica entre a Filologia, como análise crítica de textos, com a reconstrução e a edição de *corpus*, a Teoria dos Gêneros Textuais, no sentido da reconstrução da performance do texto e suas condições de produção, e o conceito de Tradição Discursiva, no tratamento de *corpora* históricos para o estudo do português brasileiro, a operacionalização deste conceito neste trabalho parte da concordância com o ponto de vista de BARBOSA (2012, p. 591) ao explicar que

...a distinção entre TDs e gênero é clara, quando analisamos o dinamismo entre a história social e as práticas sócias de escritais. Mas devemos dizer que, no referido âmbito de tratamento de fontes em *corpora* históricos, quando analisamos fenômenos lingüísticos em TDs materializadas em gêneros textuais escritos, é inevitável que usemos uma coisa pela outra, pois estamos operando com a materialização de um dos elementos do conjunto de TDs e obedecendo à máxima: se nem toda TD é gênero textual, todo gênero textual, pelas regularidades que se transformaram em habitualizações, é TD.

O que queremos explicitar com isso é que adotamos a correlação entre os termos Tradição Discursiva e gênero, sem desconsiderar evidentemente a existência de outras dimensões constitutivas lingüísticas, estilísticas e formais, pois tratamos exatamente da dinâmica que configura as recorrências, as variações e as mudanças que podemos encontrar dentro de um agrupamento de gêneros culturalmente identificados como pertencentes à mesma matriz. Neste ponto, estabelecemos aqui a conexão com a perspectiva da Nova Retórica, uma vez que partimos do reconhecimento de que um gênero, pertencente ou não ao mesmo agrupamento, é, de acordo com Bazerman (2005), condicionado por outro e não se dá solto na realidade sócio-histórica. Bazerman (2005) também faz uma distinção importante entre *conjunto de gêneros* (textos que uma pessoa num determinado papel social

tende a produzir) e *sistema de gêneros* (conjunto de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de forma organizada). O editorial exemplifica bem um gênero ou uma tradição discursiva dentro de um conjunto cuja organização da produção e da circulação ocorre na instituição jornalística. Os redatores e os editores exercem o papel social de porta-vozes dessa instituição por meio dos editoriais, fazendo com que esse gênero ocupe um lugar de destaque em relação aos demais gêneros veiculados no suporte jornal. Desse modo, tanto os produtores quando os leitores conseguem capturar as sequências regulares, ou não, presentes nos editoriais em relação a outros editoriais e em relação aos demais gêneros do suporte.

O nosso olhar agora recai sobre a identificação dos gêneros e das sequências regulares ou não regulares a partir de um processo comparativo entre os gêneros de uma só língua pertencentes à mesma classe. Do ponto de vista metodológico, a comparação de gêneros de épocas muito distantes registra as mudanças ao longo do tempo, e não as possíveis variações dentro de um recorte temporal. Nesse sentido, partimos da perspectivização metodológica proposta por Aschenberg (2002, p. 8-10) para definir melhor a nossa perspectiva metodológica.

Quadro 1: Perspectivização da metodologia de análise
(ASCHENBERG, 2002, p. 8-10):

	Análise	
	Sincrônica	Diacrônica
Relacionada com uma língua/ cultura individual = não contrastiva, não comparativista	A	B
Relacionada com várias línguas/culturas = contrastiva, comparativista	C	D

Nessa perspectivização metodológica básica, antes de tudo, é necessário fazer duas escolhas, optar pela análise sincrônica ou pela análise diacrônica e a opção pela análise de uma língua ou a análise contrastiva entre línguas. O quadro anterior apresenta as possibilidades opcionais, indicando de **A** a **D** a direção crescente da complexidade temática e metodológica. Vejamos:

1 Campo A (pesquisa sincrônica de gêneros textuais dentro de uma língua individual) – por exemplo, o trabalho de Eva Stoll (1997) sobre “Os conquistadores como historiógrafos”, em que analisa, sob aspectos conceituais, três relatos e uma crônica dos meados do século XVI que surgiram no contexto da conquista de Peru.

2 Campo B (pesquisa diacrônica de gêneros textuais dentro de uma língua individual) – por exemplo, baseando-se em três livros de família dos séculos XVIII e XIX, konstanze Jungbluth (1996) analisa o catalão no que diz respeito à ortografia, à fonologia, à morfologia e ao léxico.

3 Campo C (análise sincrônica comparativa ou contrastiva de gêneros textuais de diferentes línguas e culturas) – por exemplo, o estudo de Peter Koch (1993) sobre diversos gêneros textuais (como juramentos, teatro religioso, inscrições, protocolos etc.) no momento da escrituralização das línguas românicas populares.

4 Campo D (análise diacrônica, comparativa ou contrastiva de gêneros textuais de diferentes línguas e culturas) – por exemplo, as pesquisa de Eva Martha Eckkrammer sobre a história da bula médica.

A presente discussão sobre a identificação das variações do editorial está situada no campo **A**, pois os gêneros foram analisados em cada metade de século, conforme a orientação seguida na montagem dos *corpora* do PHPB. Nessa perspectiva, é possível estudar comparativamente gêneros de um mesmo agrupamento a partir de recortes temporais menores. Nada impede que a continuidade da análise transite para o campo **B**, com o intuito de verificar diacronicamente as recorrências e as mudanças numa linha do tempo mais extensa. Para o pesquisador, essa transição poderá ser enriquecida com as informações adquiridas sobre alguns critérios de identificação do gênero e as variações detectadas no campo de análise **A**. Em síntese, seguimos os passos dados por Jucker (2000, p.102-103) ao analisar receitas culinárias de língua inglesa do século XVII ao século XX. Para isso, o autor sugere a seguinte descrição diacrônica de gêneros:

1º passo: a descrição individual dos gêneros em diferentes épocas na história de uma língua;

2º passo: a comparação de um gênero específico em dois diferentes pontos na história da língua;

3º passo: a análise da evolução de uma espécie de gênero específica ao longo do tempo.

Consideramos que o primeiro passo da sequência proposta por Jucker (2000) encontra-se no campo **A** e os dois últimos passos encontram-se no campo **B**. Do nosso ponto de vista, a percepção e o reconhecimento dessa mudança de perspectiva é um dado significativo para que possamos apurar o nosso olhar e as nossas análises sobre os mais variados gêneros que transitam no contínuo entre a oralidade e a escrita (OSTERREICHER, 1997). Após a definição da perspectiva metodológica adotada para a presente análise, chegamos a seguinte pergunta: quais critérios observar? Buscamos, então, simplificar os critérios de identificação do editorial, fazendo a conjunção entre a proposta de Marcuschi (1997) e a de Jucker (2000). Para Marcuschi (1997, p.26):

O que se pode dizer é que a melhor forma de montar uma tipologia seria estabelecer alguns poucos critérios, por exemplo de natureza linguística (traços linguísticos), critérios funcionais (objetivos do texto, intenções pretendidas, atos de fala etc.) e critérios contextuais (produtores e suas relações, situações de produção, condições de produção) e com base nisso formar uma matriz de traços que determinem critérios de enquadramento nas diversas formas de um conjunto mais amplo em que várias ordens tipológicas se encadeiam no contínuo da produção textual.

As dimensões de análise postuladas por Jucker (2000, p.103) são:

- os traços externos do gênero (quando e onde as receitas foram publicadas);
- os traços sociais (o tipo de linguagem usada; quem escreveu);
- os traços linguísticos (as formas linguísticas usadas, verbos imperativos, sentenças abreviadas);
- a macroestrutura do gênero (a organização das partes individuais da receita).

Observamos que as duas propostas são convergentes na medida em que podemos estabelecer as seguintes correlações entre elas: os critérios de natureza linguística coincidem com os traços linguísticos; os critérios funcionais aproximam-se dos traços sociais, com a diferença de que o produtor do texto (quem escreveu) está em tópicos distintos, mas interligados; os critérios contextuais correspondem aos traços externos do gênero; o que realmente difere é o acréscimo da macroestrutura do gênero na segunda proposta. Por considerarmos também relevante esse traço na identificação das variantes do editorial, nos reportamos mais a Jucker (2000) para esboçar a matriz de traços de enquadramento tipológico dos editoriais de sincronias passadas, cuja trajetória acompanharemos no tópico seguinte.

2. O que revela a trajetória do editorial em Pernambucano?

O percurso histórico da imprensa é marcado por três tendências que parecem consensuais entre autores como Sodré (1999) e Morel e Barros (2003):

- a fase político-panfletária, no início da imprensa, é caracterizada pelos discursos inflamados. Até a primeira metade do século XIX não havia preocupação do produtor com equilíbrio e imparcialidade.

- a fase literário-independente surgiu na segunda metade do século XIX, no momento em que a sociedade civil começa a se organizar em termos intelectuais e culturais. Uma fase rica em detalhes descritivos, figuras de linguagem e poeticidade, mesmo na abordagem de uma temática política.

- a fase telegráfico-informativo teve início no final do século XIX e se estende até os dias atuais, com o advento de uma nova tecnologia: o computador. Nessa fase o serviço telegráfico tornou-se a base das seções noticiosas e a informação objetiva, que atende às necessidades do leitor moderno, supera a opinião.

Temos nessas três fases uma síntese do processo de modernização do jornalismo impresso que revela as transformações externas interferindo no modo de escrever os gêneros do jornal. Um olhar ainda mais distante revela outras práticas sociais de escrita nas quais a sátira e a crítica eram tão comuns e veementes quanto nas primeiras edições dos jornais. Trata-se de uma tradição que passou do verso em folhetos para o jornal impresso. Estamos nos referindo à herança panfletária dos pasquins, que deu o tom

inicial da tradição editorialística dos jornais. Conforme Rizzini (1968), a tradição e o nome pasquim remontam à cidade de Roma, em 1501, com a estátua de um ser da mitologia grega: Pasquino. Por trás dessa imagem eram colados versos satíricos. O Papa Adriano VI, em 1523, impediu as festas e surgiram os pasquineiros, que pregavam seus versos satíricos e malignos nas paredes, portas e praças. No século XIX, a tradição continua em forma de folhas volantes, pequeno jornal, sem autoria explícita, na maioria das vezes com um só artigo. Um exemplo de pasquim em Pernambuco é o Sentinela da Liberdade, escrito por Cipriano Barata.

No contexto dos séculos XIX e XX, há inúmeros traços que expressam a recorrência, a variação e a mudança dos editoriais e de outros gêneros do jornal. Aqui abordaremos apenas três casos de variação do editorial, que podem, por um lado, evidenciar a riqueza e a diversidade na composição desse gênero, subvertendo muitas vezes o cânon, e, por outro lado, dificultar o estabelecimento de critérios para a identificação de um gênero e suas variantes em sincronias passadas. As três abordagens incluem: variação dos traços funcionais, variação da forma/macroestrutura e variação da denominação.

Do ponto de vista funcional, entram em questão na composição do editorial os objetivos pretendidos, as intenções pretendidas, os atos de fala, o tipo de linguagem. Nesse aspecto, fizemos um levantamento das ocorrências dos editoriais pernambucanos com base no modelo de classificação adotado por González Reyna (1991:20), que traz uma concepção discursiva da prática jornalística. Segundo esta autora, o editorial diz respeito às mensagens que transmitem ideias, com embasamento em fatos, mas a finalidade é a opinião, o questionamento, tendo a argumentação como forma discursiva mais usada.

Com base em Gomes (2010), mantemos a compreensão de que as possibilidades de classificação de um texto são necessárias dentro do seu processo analítico, entretanto não são definitivas e nem correspondem ao fim de uma abordagem. Isso porque “Já que eles (gêneros textuais), por diversas razões, se desenvolvem e se transformam continuamente, não é razoável e nem praticável desejar levantar um inventário completo ou até “definitivo” dos gêneros textuais praticados numa comunidade linguística ou cultural” (RAIBLE, 1996, p. 72 apud ASCHENBERG, 2002). Com essa

concepção de classificação aberta, partimos de González Reyna (1991), que identifica editoriais da prática jornalística do México, relacionando a dimensão social e a dimensão linguística. Em Pernambuco identificamos ocorrências de todos os casos e ainda mais:

- Editorial informativo - também chamado de editorial expositivo, cita os fatos já mencionados na seção informativa, mas expressa o ponto de vista institucional.

Ex. Diário de Pernambuco nº 25, 31/01/1837

- Editorial explicativo - explica um acontecimento quando só a informação não é suficiente e assemelha-se ao expositivo.

Ex. Diário de Pernambuco nº 64, 22/03/1842

- Editorial interpretativo - necessita apresentar uma interpretação; requer que o jornalista seja justo; não exige conclusão e permite que o leitor tire suas conclusões.

Ex. O Liberal Pernambucano nº 2, 09/09/1852

- Editorial polêmico - busca convencer o leitor sobre o ponto de vista proposto por meio de argumentos a favor ou contra um fato ou uma situação.

Ex. O Argos Pernambucano nº 16, 06/03/1851

- Editorial exortativo - denominado editorial de luta, apresenta ataques a determinadas situações e exige condutas específicas e espera a reação do público.

Ex. Diário de Pernambuco nº 1, 02/01/1838

- Editorial de campanha - também conhecido como editorial de ação, denuncia as políticas locais corruptas que necessitem de correção.

Ex. Diário de Pernambuco nº 48, 02/03/1838

- Editorial persuasivo - convence sutilmente com o uso de

argumentos, posto que não pedem nem exortam.

Ex. Diário de Pernambuco nº 3, 04/01/1839

- Editorial de interesse humano - informa e diverte ao mesmo tempo; não se escreve com o propósito de convencer, mas de entreter. Distingue-se dos demais por ser mais pessoal que institucional.

Ex. Diário de Pernambuco nº 230, 15/10/1845

Acrescentamos a essa classificação o *editorial de apresentação*, também conhecido como *prospecto* e *introdução*, cuja finalidade é fazer a abertura dos primeiros números dos jornais, apresentando a proposta editorial. De fundo, não podemos perder de vista que o intuito é o convencimento do leitor acerca da aceitação do novo periódico que se apresenta. O retorno dos jornais que saíam de linha também era marcado pelo *editorial de relançamento*, como ocorreu com o *Correio do Povo* em 1986 no Rio Grande do Sul. Essa finalidade dos editoriais não consta da lista de González Reyna (1991), mas é uma variante do editorial bastante recorrente, o que atesta que a classificação não está encerrada.

Nos exemplos mencionados, percebemos propósitos comunicativos variados, mas recorrentes: convencer, denunciar, interpretar e comentar. No percurso do editorial, observamos que os dois primeiros foram a tendência seguida nas primeiras versões editorialísticas e os dois últimos marcam a tendência dos editoriais atuais. Nesse núcleo de variações, o que podemos destacar como traços recorrentes e facilitadores da identificação do editorial são: o ponto de vista discursivo da instituição; o teor opinativo; o envolvimento de recursos argumentativos para interferir na e formar a opinião pública; o status de gênero jornalístico nobre em relação aos demais gêneros do suporte.

O cânon do editorial jornalístico é o de opinião. Nesse modelo prototípico, a macroestrutura apresenta a seguinte organização retórica (SOUSA, 2004, p. 68):

Unidade retórica 1 – Contextualização do tema

Subunidade 1.1 – Apresentando uma informação introdutória e/ou

Subunidade 1.2 – Estabelecendo uma informação

(e)

Unidade retórica 2 – argumentação sobre a tese

Subunidade 2.1 – Argumentando convergentemente e/ou

Subunidade 2.2 – Argumentando divergentemente

(e/ou)

Unidade retórica 3 – Indicação da posição do jornal

Essa forma canônica de organização retórica foi a que predominou e se mantém nos editoriais atuais, considerando evidentemente a margem de variação dos dias de hoje. Com essa forma de organização retórica encontramos, em sincronias passadas, o editorial publicado no *Diário de Pernambuco* nº 29, de 06/02/1829, que expressa a opinião do jornal, é composto de um único parágrafo e não tem título. O editorial do jornal *O Paiz* nº 2, de 04/02/1856, intitulado *Os partidos políticos*, contém ao todo quatorze parágrafos desenvolvidos com uma riqueza descritiva e informativa que chega a turvar a identificação da opinião do jornal e segue também essa organização retórica. O editorial do *Diário de Pernambuco* nº 8, de 16/01/1967, apresenta uma adaptação do modelo de organização retórica, antecipa a tomada de posição do jornal, que é esclarecida e reforçada no decorrer da composição textual. Cada exemplar desses corresponde a uma variante de editorial, dentro do recorte temporal de meio século. Só nesses exemplos já constamos a variação dos editoriais no que diz respeito a: diversidade nas formas de abertura e de fechamento do texto, ausência de título, número irregular de parágrafos e inversão das unidades retóricas.

Além desses casos, há outras formas de subverter o cânon do editorial. A prática de publicação de partes de um editorial em diferentes números do jornal é uma delas. Nesse caso, eram utilizadas marcas de sequenciação em cada texto, como as informações entre parênteses: (Continuando o nº anterior) e (Continuar-se-há). Essa ocorrência, na perspectiva sincrônica, configura-se como uma variante dos editoriais dentro da sua classe de texto, no que diz respeito à forma, à organização retórica e à relação do gênero com o suporte. Numa perspectiva diacrônica, essa ocorrência configura-

se como um traço de mudança bastante significativo na prática social de escrita e de leitura no percurso histórico dos editoriais.

Outra ocorrência de variação do editorial ocorre por meio da intergenericidade. De acordo com Marcuschi (2008), “é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de forma e de funções”. Nesse caso um gênero pode assumir a forma de outro para atingir o propósito da comunicação. Os textos “são formados com recursos da dissolução do cânone: variações, montagens de texto, transgressões e misturas textuais e estilísticas” (FIX, 2006, p 264). No caso do jornal *O Carapuceiro*, cujo único redator era o Padre Lopes Gama, o propósito era a crítica à sociedade e a defesa da moral e dos bons costumes, utilizando, para isso, a sátira, a provocação e a transgressão. O exemplo seguinte mostra um editorial que assumiu a forma de poema, porém não perdeu a sua função comunicativa crítico-opinativa:

Exemplo 1: *Visitas de Senhoras*. || As visitas das senhoras | (init.) muito, que aproveitar: | Quem traças ao vivo | E ver, se as posso pintar. || Logo que chega a visita, | Corre-se ao topo da escada, | E des d’a porta da rua | Principia matinada. || Alguma das senhoritas | Tira o xale a seus Agrados, | Depois do que há chorrilho | De beijocas, e abraçados. || (...) Acadeirão-se as meninas | Em torno da visitante, | E começa desde logo | Huma conversa incessante. || (...) Ahí se senta, e baralha. | Qual o valete com sotas, | Vai-se vasando em finezas, | Em tudo mais mette as botas. || Faz dos dedos brando pente, | Com qu’alisa a cabecinha, | Afim que se não apague | Da liberdade a estradinha. || (...) Talvez faltem circunstancias, | Outras serão mal descritas; | Mas eis pouco mais, ou menos | A mór parte das visitas. (*O Carapuceiro*, 1838 – nº 39).

Os exemplos anteriores evidenciam que, do ponto de vista da forma e da macroestrutura, há um modelo canônico, recorrente, mas, em paralelo a ele, há inúmeras possibilidades de variação do editorial nesse aspecto. Desse modo, a identificação do gênero não pode se guiar exclusivamente pela organização formal e pela organização retórica, é preciso adicionar outros traços identitários do editorial, como os que mencionamos anteriormente no ponto de vista funcional.

O fato de falar em nome do jornal é uma das características principais do editorial. Esse é um dos traços de identificação que fazem com os editoriais sejam reconhecidos independentemente de uma denominação única estabelecida; é também um traço distintivo dos editoriais com relação às notícias e aos demais gêneros do jornal. No entanto, na medida em que os gêneros vão adquirindo autonomia, a tendência é a definição do rótulo. Segundo Koch (1997, p.60), “temos, então, de um lado, uma tendência de manter constantes as denominações para as tradições discursivas e, do outro, uma mistura de elementos constantes e variáveis na realidade das tradições discursivas (sob o aspecto diacrônico, mas também sob o aspecto sincrônico)”. No caso do editorial, temos mostrado até aqui a mistura de elementos variáveis em sua composição, os exemplos seguintes evidenciam alguns casos de variáveis na denominação desse gênero:

As denominações no espaço variacional do século XIX:

- **Artigo de fundo** – designação correspondente a editorial, essência opinativa; autoria do proprietário do jornal; suporte é o jornal.
- **Carta do redator** – essência opinativa; autoria do redator do jornal; suporte é o jornal.
- **Artigo editorial** – artigo de opinião sob a responsabilidade do periódico; suporte jornal. Com a queda do primeiro termo, o segundo foi substantivado e passou a ser usado com predominância para designar o texto.
- **Introdução; Prospecto; Artigo de apresentação; Editorial de apresentação; editorial** – (latim *edere* = dar à luz) indicam o início de circulação de um periódico; misto de crítica, tomada de posição e exposição de propósitos.
- **Artigo comunicado** – designação correspondente a editorial, essência opinativa; suporte é o jornal.

As denominações no espaço variacional do século XX:

- **Carta do editor** – teor de *merchandising*; autoria do editor da revista; suporte é revista.

- **Carta do redator** – da essência opinativa passou a texto de apresentação dos conteúdos e propósitos de um jornal ou de uma revista, utilizado para introduzir o periódico no mercado. A revista é o suporte predominante atualmente, sob a autoria do diretor de redação.
- **Editorial jornalístico** – designação correspondente a editorial, essência opinativa; autoria do editor chefe do jornal; suporte é o jornal.
- **Editorial de apresentação** – continuidade da tradição do século XIX de apresentar o início de circulação do jornal. No século XX ocorre em diversos suportes, inclusive em catálogos telefônicos.
- **Editorial de relançamento** - continuidade da tradição dos editoriais de apresentação, divulgando para o leitor o retorno dos jornais que saíam de linha (ex. Correio do Povo em 1986).

Observamos nesses exemplos que alguns rótulos correspondem a textos com funções

semelhantes e outros com funções mais específicas em diferentes suportes. Pela via da nomeação desse gênero, percebemos que o editorial apresenta uma matriz que se ramifica em diferentes rótulos e com algumas funções específicas dentro de um mesmo agrupamento. Todas essas denominações fazem parte da árvore genealógica do editorial, mas algumas dão sinais nítidos de desmembramento do cânon do editorial. Percebemos também que algumas denominações ficaram no passado e outras permanecem. Além de diferentes tradições designadas por um mesmo rótulo textual, há, em outros casos, mais de um rótulo para uma mesma tradição como revelam os exemplos apresentados anteriormente.

A identificação do editorial em sincronias passadas não é fácil, e o pesquisar que parte para a coleta, além de se deparar com a diversidade da forma, da organização retórica, do rótulo, da função comunicativa, depara-se também com um gênero que não tem uma localização definida nas páginas dos jornais oitocentistas. Considerando essa etapa da pesquisa, que requer do pesquisador o estabelecimento de alguns critérios e traços característicos das variantes do gênero para nortear a sua busca, esboçamos,

com base nos critérios sugeridos por Marcuschi (1997) e Jucker (2000) para a identificação dos gêneros, um quadro para contribuir com a identificação dos editoriais¹:

Quadro 2: Traços característicos das variantes do gênero editorial

Variante do Editorial na segunda metade do séc. XIX	Características da variante
Nº da variante – 1856 PE –	<p>Gênero: (Especificar o gênero em questão) - editorial.</p> <p>Classificação: (Identificar a prática jornalística do editorial, relacionando a dimensão social e a dimensão linguística) – editorial exortativo.</p> <p>Local e data de publicação: (Apresentar o local e a data de publicação) – Recife (PE), 04/02/1856.</p> <p>Objetivo do texto: (Identificar o objetivo do texto) – justificar o afastamento do jornal dos embates políticos que envolviam os partidos e os periódicos.</p> <p>- Tipo(s) de texto: (Especificar o(s) tipo(s) textual(is) utilizado(s) na composição do editorial) – descritivo, informativo e argumentativo.</p> <p>Suporte: (Completar com o suporte no qual o gênero é veiculado) - jornal <i>O Paiz</i> nº 2.</p> <p>Ponto de vista discursivo: (a quem atribuir as palavras do texto) – ponto de vista discursivo assumido pelo jornal.</p> <p>Produtor do texto e seu papel social: (Identificar o produtor do texto e o papel social que ele exerce) – redator do jornal.</p> <p>Título: (Preencher com os termos ausente ou presente. Se presente, incluir o título) – Título presente “<i>Os partidos políticos</i>”.</p> <p>Organização retórica: (Apresentar a organização retórica do texto) – Texto contém quatorze parágrafo e está organizado com a unidade retórica 1 – contextualização do tema – contendo as subunidades 1.1 e 1.2; com a unidade retórica 2 – argumentação sobre a tese – conteúdo a subunidade 2.1; e com a unidade retórica 3 – indicação da posição do jornal. O texto segue a organização canônica dos editoriais.</p>

¹ O quadro para a identificação dos editoriais é uma adaptação do quadro proposto pela professora Alessandra Castilho (UFRN) para a identificação das notícias.

- **microestrutura:** (Explicitar o tipo de linguagem e as formas linguísticas utilizadas) - Predomina a subordinação, com muitos e longos períodos; uso predominante de adjetivos, marcando o tom inflamado do discurso; sujeito marcado pela primeira pessoa do plural, evidenciando o ponto de vista discursivo; linguagem composta de detalhes, figuras de linguagem e poeticidade próprios da tendência literário-independente.

- **denominações** (rotulações - designações) da variante: editorial/carta do redator/carta do editor.

- **características adicionais:** (Acrescentar características complementares)

A partir dos critérios abordados neste tópico, foi possível montar um quadro, suscetível a reformulações e contribuições, que pode auxiliar na identificação dos editoriais e das variações, das mudanças e das permanências no seu percurso histórico. No quadro, procuramos elencar os critérios e acrescentar uma breve orientação sobre o preenchimento de cada um (informação em parênteses). A título de exemplo, completamos o quadro com a análise feita no editorial do jornal O Paiz nº 2, de 04/02/1856, intitulado *Os partidos políticos*. Esperamos que essa sugestão possa contribuir de alguma forma com os estudos históricos da língua e dos textos. Ela fica disponível para as reformulações, os acréscimos e as sugestões dos membros do nosso grupo de trabalho e dos demais leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho encontra-se entre muitas outras reflexões referentes à movência da língua e dos textos e partiu de questões que certamente emergem quando lidamos com *corpora* diacrônicos: como identificar os textos de sincronias passadas nos arquivos, nos suportes jornalísticos etc? Como identificar as variantes desses textos? Partindo dessas e de outras questões, objetivamos, com base nos traços externos do gênero; nos traços sociais; nos traços linguísticos; e na macroestrutura (JUCKER, 2000), identificar algumas variantes do editorial, suas múltiplas denominações e propor uma matriz para a identificação das variantes desse gênero.

Há muitos fatores que ilustram a dinâmica de variações, mudanças e permanências que configuram a historicidade da língua e dos textos, mas no processo investigativo é preciso ter clareza do ponto de vista metodológico adotado para a apreensão dessa dinâmica, uma vez que dispomos das

perspectivas sincrônicas e diacrônicas e podemos analisar línguas e culturas individualmente ou partirmos para análises comparativas de línguas e culturas diferentes. Em uma perspectiva ou em outra, é fundamental o fato de que o reconhecimento de um gênero é condicionado por outro e está vinculado à realidade sócio-histórica.

A abordagem das variantes do editorial concentrou-se nos traços funcionais, na forma/macroestrutura e na denominação. Esses fatores analisados revelaram que a identidade histórica dos gêneros evidencia um conjunto de variantes com mais ou menos proximidade da prototypicalidade (KOCH, 1997). Dentre os fatores de variação dos editoriais estão: a diversidade nas formas de abertura e de fechamento do texto, a ausência de título, o número irregular de parágrafos e a inversão das unidades retóricas. Essas ocorrências atestam que a identificação do gênero não pode se guiar exclusivamente pela organização formal e pela organização retórica, é preciso adicionar outros traços identitários do editorial que facilitem a identificação do gênero, a exemplo: do ponto de vista discursivo da instituição; do teor opinativo; do envolvimento de recursos argumentativos para interferir na e formar a opinião pública; do status de gênero jornalístico nobre em relação aos demais gêneros do suporte. O fato de falar em nome do jornal é uma das características principais do editorial. Esse é um dos traços de identificação que fazem com que os editoriais sejam reconhecidos independentemente de uma denominação única estabelecida. Foi considerando todos esses fatores que esboçamos um quadro simples para a identificação dos editoriais.

Neste artigo o estudo concentrou-se em editoriais pernambucanos, mas terá continuidade, posteriormente, em parceria com a professora Áurea Zavam (UFC), com a inclusão de editoriais do Ceará, da Bahia e do Rio de Janeiro, disponíveis no banco de dados do PHPB. Esperamos que as reflexões aqui presentes possam contribuir com as pesquisas sócio-históricas em andamento e suscitar outras ideias e questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHEBERG, Heidi. Historische Textsortenlinguistik. Beobachtungen und Gedanken. In: DRESCHER, Martina. Textsorten im romanischer Sprachevergleich. Tübingen: Stauffenburg Verlag. S 153-170, 2002. (Linguística histórica de gêneros textuais – observações e reflexões – Tradução de Hans Peter Weiser)

BARBOSA, Afranio. Tradições discursivas e tratamento de *corpora* históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, Tânia et. al. (Orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir; Mário GAYDECZKA, Beatriz & BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue, 2005. Pp. 61-77.

CASTILHO, Ataliba T. de. Projeto de história do português de São Paulo. In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 1998.

FIX, Ulla. Wie wir mit Textsorten umgehen und sie ändern – die Textsorte als ordnender Zugriff auf die Welt. Der Deutschunterricht. Sprachchwandel – Vom Sprechen zur Spracher. 3/00: 54-65, 2000. (Como usamos e mudamos os gêneros textuais – o gênero textual como compreensão ordenadora do mundo – Tradução de Hans Peter Weiser)

GOMES, Valéria Severina. *Traços de mudança e de permanência em Editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. Berlin: De Gruyter, 2010.

GUEDES, Marymarcia & BERLINK, Rosane de Andrade (Ed.). *E os preços eram commodos – Anúncios de jornais brasileiros século XIX*, São Paulo, Humanitas, 2000.

JUCKER, Andreas H. *History of English and English Historical Linguistics*. Stuttgart, Ernst Klett, 2000.

KABATEK, Johannes. *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico*. In: Guiomar CIAPUSCIO, Konstanze JUNGBLUTH, Dorothea KAISER, Célia LOPES (Orgs.) *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Vervuert, 2006. pp. 151-171.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição de funcionalidade*. In: Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp. 19-36.

_____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da lingüística histórica*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOREL, Marco; BARROS, Marina Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do séc. XIX*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

NASCIMENTO, Luiz. O Carapuceiro. In: GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. *O Carapuceiro*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983. v.1 Estudo introdutório.

_____. O Carapuceiro. In: GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. *O Carapuceiro*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983. v.2 Estudo introdutório.

_____. O Carapuceiro. In: GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. *O Carapuceiro*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983. v.3 Estudo introdutório.

PORTELLA, O. A fábula. *Revista Letras*, América do Norte, 32, out. 2010. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19338/12634>>. Acesso em: 13 Dez. 2011.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

SODRÉ, Nelson Weneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. *Estudo da organização textual argumentativa em editoriais de jornais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.